

HIPERTEXTOS VIRTUAIS: “LECTOR IN FABULA” INSERIDO NA GLOBALIZAÇÃO

Fabiana Mões Miranda¹

RESUMO: Este ensaio pretende abordar as relações entre a globalização e as construções de leitura. De forma mais restrita, como os hipertextos permitem que o ato de leitura no ciberespaço se torne uma narrativa sempre em construção. Assim, os “mundos possíveis”, defendidos por Umberto Eco, tornam-se também lugar para o leitor “encenar” sua própria história, por meio da vivência do lido, em espaços globalizados.

PALAVRAS-CHAVES: Globalização; Hipertextos; Leitura; Ficcionalização

ABSTRACT: This essay intends to approach the relationships between the globalization and reading constructions, verifying as the hypertexts allow that the reading action in the cyberspace becomes an ongoing narrative construction. So, the "possible worlds", defended by Umberto Eco, become also a place for the reader “to display” his own history, through the experience of what is read in globalized spaces.

KEYWORDS: Globalization; Hypertexts; Reading; Fictionalization

Este ensaio pretende abordar as relações entre a globalização e a recepção dos textos literários. De forma mais restrita, como a *internet* favorece o desenvolvimento de uma nova prática de leitura/escrita por parte de seus usuários, que por meio de hipertextos digitais partilham seus próprios textos pela interação virtual, serão abordadas algumas questões que problematizam tanto distinções de localidade – em suas disjunções culturais – como a legitimação de uma relação entre “espaços culturais”, ou seja, aqueles espaços que são legitimados e os que não são.

Em primeiro lugar, antes de pensarmos em localidade, verificaremos como ocorre a distinção entre global e globalizado. O global corresponderia a uma visão homogênea, o que nos parece insustentável. Ortiz (1994), em seu livro *Cultura e Sociedade Global*, quando faz uma crítica à “Aldeia Global”, revela que existe “uma mudança no campo da economia; já não seria a produção em massa que orientaria a estratégia comercial das grandes empresas, mas a exploração de mercados segmentados (*customized products*).” (ORTIZ, 1994) Desse modo, ao mesmo tempo em que há uma determinação econômica que constrói as bases para sua permanência e atuação, existe um redirecionamento para a subjetividade dos valores, ou seja, como na perspectiva de Bourdieu (1980), há relação e hierarquia entre “bens e gostos”.

Essa é uma consideração propriamente capitalista, no que cria e gerencia bens de consumo, tornando-os simbolicamente valorados. No que se refere à “Aldeia Global” de Ortiz, os bens locais – ou aqueles localmente valorizados – entrariam em conflito, pois seriam absorvidos ou remontados para uma forma global, como se existisse sobre eles, valores generalizantes.

Já o globalizado parece corresponder ao que se pode tornar homogêneo dentro de uma cultura, mas relacionaria os motivos de aceitação e de recusa desses valores, verificados sobre diversas tensões (inclusive guerras, o que caberia a outros estudos). E, embora os valores se ressaltem na cultura negativa ou positivamente, interessa-nos uma

¹ Mestra em Teoria Literária pela UFPE e Especialista em Literatura Infanto-Juvenil pela FAFIRE/PE.

particularidade: a produção literária. “Dessa perspectiva, a conveniente distinção entre textos culturais que são sociais e políticos e os que não o são torna-se algo pior que um erro: ou seja, um sintoma e um reforço a reificação e da privatização da vida contemporânea.” (JAMESON, 1992, p. 18). Assim, como Jameson, consideraremos o texto, nesse caso o literário, e seus desdobramentos em novos textos, pois neles, juntamente com o suporte tecnológico e hipertextual, cremos estar refletido toda a reificação de que o autor trata.

Ainda mais especificamente, a relação do leitor com o texto literário, considerando que esse leitor se desloca de sua localidade simbólica – já que assim podemos incluir o temporal e o espacial – e negocia com a obra lida, ainda que “nos aliena da própria fala”, como repete Jameson (1992). A ideia de localização será feita, então, como uma localização discursiva, que estabelece relações de poder, na concepção de Foucault (1971), e que se articula nas relações sociais.

Mesmo não sendo fácil compreender ou aceitar essa disjunção entre local/global, podemos verificar a correspondência gerada, que antes integra numa única estrutura, de uma nova prática textual. Isso é permitido pelo ambiente criado pela *internet*, seja virtualidade ou atualização (LÉVY, 2000), mas parece, também, servir como um ponto coerente de análise dos textos que são produzidos por meio dessa linguagem, principalmente, porque o globalizado interfere na linguagem (não sabemos se o inglês ou o chinês será a língua “oficial” desse meio). Embora, aqui, a opção tenha sido a de considerar a linguagem mais uma parte na estrutura e na funcionalidade, na qual uma adaptação textual estaria do mesmo modo que uma tradução.

Este local é chamado também de *cultura digital*, que nada mais é do que a disseminação de informações com velocidade superior aos padrões anteriores. Apesar das ressalvas, esse modo de cultura é tão factual quanto questionável. Seguindo Lyotard (1993), o que será trazido para a experiência como uso e consumo, dessa forma, poderia ser vinculado a um tipo de sociedade voltada à informação como o *médium*, que veicula a informação e determina as várias condições de cultura relacionadas à cadeia de escolha dessas informações, e, ainda, uma cultura que já surgiu excludente daqueles que não podem ter acessos a esses meios. Dessa forma, não se pode considerar como o conhecimento total que cada grupo cultural, que cada localidade pode trazer. E, ao mesmo tempo, pode se tornar contra um projeto cultural globalizado e igualitário (ou diferente nas aparências), que promove os embates sobre legitimação e diversidade (diferenças, na essência).

A explicação da relação entre o todo (código-mestre) e “outros” elementos que circulam nesses códigos é oferecida por Jameson (1992, p. 25),

Esse tema ou ‘essência interna’ pode assim ser visto como resposta implícita ou explícita à agora inadmissível indagação interpretativa ‘O que isto significa?’ (A prática da ‘mediação’ é então entendida, como veremos, como um mecanismo mais aparentemente dialético, embora não menos idealista).

De forma semelhante ao que afirma Deleuze (1980), um novo enunciado, construído mediante uma nova técnica, é sempre portador de desejos. Cada enunciado é uma representação narrativa que rapidamente torna-se disperso no meio em que está inserido. Num imaginário do desejo, voltado ao virtual, o conhecimento – aqui em forma mais restrita – constrói uma nova localidade que privilegia, de certa forma, a

individualidade na construção de valores mediados apenas por textos. Entretanto, os recursos oferecidos na cultura digital já estão além do textual e as relações entre aqueles que fazem parte dela se baseiam, cada vez mais, na interação e em interesses coletivos.

Os hipertextos virtuais em suas formas de escrita – ou seja, sem adição de outras hipermídias – ainda têm uma grande popularidade por um determinado público. As palavras popularidade e público não estão deslocadas aqui, pois esse é um dos sentidos que vem sendo colocado junto com a arte, desde as reflexões de Walter Benjamin (1994). O público de leitores, que se coloca no meio virtual, é extremamente participativo, pois reescreve os textos existentes tantas vezes quanto deseja. Concretizam aquilo que o autor ou nunca diria ou esqueceu-se de dizer, e tudo isso pelo jogo – no sentido de valorização de certos imaginários. Nesse aspecto, vale dizer que falar em simulacro seria um erro, pois, como coloca Richard (2002), nas relações de mercado e cultura, a performatividade é resposta para as novas solicitações discursivas. Se algo globalizado é atualizado no local, na *performance* do local – aqui, a escrita virtual –, pode-se responder ao centro ou centros – a obra literária – com transgressões na forma e no conteúdo.

Em relação à recepção dos textos mediados pela *internet* (mais uma vez, trata-se de textos que só podem ser concebidos nesse meio, o que não ocorre com obras literárias digitalizados, mas sim com *blogs* literários, por exemplo), é oferecido ao crítico não apenas a visão sobre o estético, mas a relação, como enfatiza Huyssen (2000), no que se refere a uma idéia que relaciona cultura “forte” com Estado-Nação.

Esses passados diferentes inevitavelmente darão forma aos modos pelos quais uma cultura específica vai negociar o impacto da globalização e a subsequente difusão de mídia, tecnologias de comunicação e consumismo. (HUYSSSEN, 2000, p. 18)

Não estamos nos referindo a Estado-Nação, mas à globalização, e na forma de como essas relações ainda são mantidas, mas agora a “força” de uma cultura é focalizada em suas tensões espaciais (global/local). O que vale ressaltar aqui é o aparecimento dos “efeitos estéticos” dos quais Huyssen (2000) também trata em seu texto *Literatura e Cultura no Contexto Global*. Esses efeitos só podem ser produzidos depois de negociados nessas tensões. Quando o autor retoma o debate erudito/popular parece, muito mais, relacionar as formas de identidades que diferenciam uma produção e uma recepção.

O mesmo podemos observar na relação entre os textos produzidos na *internet*, isto é, de como sua construção faz a negociação de obras canônicas ou *best-sellers* – relação bens simbólicos e de consumo – e textos literários, que emergem do aparato da tecnologia. Esses textos estão condicionados por várias mídias e é justamente nesta formatação que podemos conferir sua recepção pelos leitores, pois, ocorre uma interação, mediante rápidos comentários entre leitor e autor. Isso permite interferências que se não modificam o texto e preparam o autor para novas formas de organizar sua textualidade. São essas interferências dos leitores que, em alguns casos, fazem com que os textos sigam adiante ou não. Stuart Hall (2003, p. 276) afirma que o “mercado aproxima, sob as mesmas condições de troca, consumidores e produtores que não se conhecem – e nem precisam se conhecer, graças à “mão oculta” do mercado.” A relação não é idêntica, a não ser pela relação de aproximação criada por meio da tecnologia, pelo mercado cultural.

Hall (2003) retoma o que falou Ortiz sobre a economia global, ou seja, que no jogo do mercado tudo funciona melhor, se cada um consultar seus próprios interesses. O problema dessa forma de escrita surgida na *internet* ocorre justamente nesse aspecto, pois como só funciona na relação com uma forma globalizada e que, conseqüentemente, só poderia estar inserida numa forma de economia dominante de mercado internacional, a relação desses textos parece também se tornar imediata com os agentes que o criaram. Devemos lembrar, no entanto, que, da mesma forma como aprendemos que uma obra literária não é apenas a sua relação direta com um discurso e, por isso, reveladora das contradições do meio social em que foi produzida, precisamos procurar nesses textos, criados no hipertexto digital, as contradições que eles revelam por meio dos próprios recursos possibilitadores de suas existências.

Podemos ter em mente a noção de Arjun Appadurai (1999) sobre mundos idealizados, “isto é, os mundos múltiplos constituídos pelas imaginações historicamente situadas das pessoas e dos grupos disseminados pelo mundo inteiro.” E completa,

Um fato importante do mundo em que atualmente vivemos é que muitas pessoas do mundo inteiro vivem nesses ‘mundos’ imaginários e não exatamente em comunidades idealizadas, e dessa forma estão aptas a contestar e até a subverter os ‘mundos imaginários’ da mentalidade oficial e da mentalidade empresarial que as cercam. (APPADURAI, 1999, p. 313)

Se não fosse a referência ao real, poderíamos nos lembrar do *Lector in Fabula* de Umberto Eco (1979), que também trata de “mundos possíveis”, mas no campo da ficção. Tratando do texto e não do mundo, Eco também afirma como é importante que o “mundo imaginário” oficial – do autor – seja questionado e transformado pelo “mundo possível” do leitor. São relações de reconstruções que alterariam, de alguma maneira, o real dentro do ficcional e o ficcional dentro do real. São questões de construção de referências culturais, é o nosso “ser no mundo”.

Aproximações sociais, culturais ou narrativas sempre nos recordam, mesmo por diferentes abordagens teóricas, a ocupação concreta que ocorre pelo imaginário nas nossas formações ou reformulações de identidades e é dessa relação entre a linguagem – em seu aspecto mais amplo – e o lugar em que é transformada em discurso que permite a Appadurai (1999, p. 316), numa perspectiva semântico-pragmática, afirmar que

semântica, na medida em que as palavras (e os seus equivalentes léxicos) exigem uma tradução cuidadosa de contexto para contexto, em seus movimentos globais; pragmática, na medida em que o uso dessas palavras pelos agentes políticos e pela sua platéia pode estar sujeito a conjuntos muito diferentes de convenções contextuais que intermedeiam a sua tradução para a política pública.

Appadurai (1999), quando menciona a interpretação, que faz parte da constituição pragmática de qualquer discurso, utiliza-se do aspecto de coletividade, por onde grupos (etnias, entre outros) aceitariam, mediante referências conhecidas, os discursos subjacentes. No entanto, a interpretação também ocorre por meio de inferências pessoais – colocado aqui em termos gerais, todo discurso precisaria de um *Leitor-Modelo*, ou seja, aquele que esteja apto para aceitar o discurso.

Essas reflexões que se encontram num caminho entre retóricas políticas e utilização de formas simbólicas de apresentação e representação dos produtos sócio-culturais podem ser pensados na perspectiva de Nestor Canclini (2006, p. 52), no livro *Consumidores e Cidadãos, Cidades em Globalização*, quando nos fala do mercado.

Sabe-se que um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem mediadores como a família, o bairro e o grupo de trabalho.

É a questão da recepção dos bens simbólicos, mediados pelos processos de globalização. A comunicação na verdade é a parte mais ampla dos aspectos sobre linguagem, e a comunicação de massa só pode ser entendida em oposição a uma outra forma de comunicação. Entretanto, o autor prefere trabalhar sobre as relações entre o público e o privado, considera de forma positiva a “reconquista criativa do espaço público” e, se não traz nenhuma demonstração concreta sobre isso, ao menos não deixa a idéia de dominação ideológica acima do indivíduo.

É possível, contudo, demonstrar que há um espaço público, onde o “consumo poderá ser um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e agir significativa e renovadamente na vida social” (CANCLINI, 2006, p. 68). Trata-se desse espaço da *internet* – a maior objeção é a de que ainda não podemos afirmar que todos os países e sujeitos têm acesso aos seus recursos – e se, de certa forma, parece uma visão otimista imaginar que os leitores, nesse meio, podem agir de outra forma politicamente, podemos imaginar que, pelo menos, no plano literário pode haver mudanças, uma vez, que existe uma interferência na forma cognitiva do leitor.

Mas, falar da importância do leitor dentro desse espaço de leitura virtual é considerar a Teoria da Recepção, que procurou dentro do estudo da literatura resgatar a importância do leitor. Por isso, mencionamos Eco e os “mundos possíveis” que preenchem os “vazios” deixados pelo autor, concretizando na mente do leitor a própria leitura. Wolfgang Iser (1974), que detalha esse processo de leitura em seus aspectos intelectivos, mostra-nos como o leitor torna-se um criador e destruidor de ilusões a cada etapa da ação da leitura, estabelecendo, assim, suas condições particulares de mediação, baseada em sua própria vivência de mundo.

Isso se justifica, uma vez que o leitor/escritor nesse meio virtual não se prende aos componentes que estruturam um texto literário e suas indicações semânticas (aqui parece haver espaço para uma superinterpretação). Há, de certa forma, uma insubordinação ao texto escrito pelo outro e uma constante leitura voltada ao próprio desejo. Voltamos a Iser (1974), para quem a compreensão estética de um objeto literário perde-se, quando fazemos deste um reflexo para nossos próprios discursos, o que seria não enxergar na obra artística um potencial significativo específico.

Podemos usar o exemplo dos *blogs* que, apesar de se relacionarem com os gêneros confessionais, revelam também a experiência do leitor/escritor, que a cada texto mostra uma experiência adaptativa que flui como uma verdade paralela e não totalmente comprometida com a realidade. Contudo, muitos *blogs* têm servido para mostrar problemas de lugares em guerra, mostrando, ao vivo, informações que não são passadas. Escritores, alguns sem oportunidade no mercado editorial, expõe seus trabalhos em *blogs*. Aspirantes a escritores ou apenas leitores querendo interagir com livros fazem

dos arquivos para hipertextos seus laboratórios de escrita e esperam respostas e comentários. Há ainda os que utilizam os recursos para novas experimentações artísticas.

Pierre Bourdieu (2002), no artigo *A crítica independente na França prática*, já comentava que os meios de comunicação operam para o desvio do capital simbólico, que só passariam a existir por sua celebridade na mídia. A mesma preocupação existia, anteriormente, por Walter Benjamim (1994), que afirmava que a informação colocaria um fim nas narrativas. Não podemos negar os prejuízos trazidos pelas informações caóticas e pela massificação (em seu aspecto negativo), mas devemos entender, já que as estruturas também são discursivas, que os bens simbólicos ou as narrativas se estabelecem dessa relação estruturada (de certa forma, a Universidade também cria a mediação entre seus estudantes e as obras que serão lidas).

Não se pode também afirmar que um leitor na *internet* tenha mais opções que um leitor de livro impresso. O seu recurso, talvez o mais diferencial, é a visibilidade. Uma visibilidade presa a um pseudônimo, muitas vezes, mas que movimenta uma voz ou expressão própria – o fingimento faz parte de todo jogo de escritura – certamente, as relações dentro das hipermídias eletrônicas não escondem mais que a realidade poderia fazê-lo. Entretanto, quando mencionamos aqui a palavra visibilidade, não utilizamos a idéia já tão repetida de “narcisismo”, o que preferimos levar em consideração é a possibilidade desses leitores/escritores terem uma “voz”.

Silviano Santiago (2004) também tentava avaliar de forma positiva uma “voz das minorias” na época da globalização. O problema, nesse caso, é que, mais uma vez, se fica preso a muitos outros fatores, sejam ONGs, discursos de grupos, fatores econômicos, entre outros, e a “voz” perde-se antes de atingir o objetivo que é falar e revelar.

Quando pensamos em “voz” do leitor não desconsideramos que, para estar ali, diante do computador, escrevendo e entrando neste “cosmopolitismo global”, ele ainda precede de uma localidade e de várias discursividades, inclusive a que torna possível a sua interação dentro do suporte virtual. Mas, aquilo que consideramos mais importante diante destes “fluxos”, como menciona Appadurai (1999), é a manutenção de certas “normas” discursivas e a transgressão de outras, principalmente no caso da literatura. Normas e transgressões às obras literárias se alternam entre o global e o local, e o leitor deve escolher – mesmo sendo parca a escolha – se vai ou se permanece, com sua localização espacial de leitura, já que esse é o caso.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre os AEI. Trad. Walter José e Maria Laura de Castro. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- APPADURAI, A. “Disjuncture e Difference in the Global Cultural Economy” In: **The Cultural Studies Reader**. Simon During (org.). London/New York: Routledge, 1999.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e outros. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, P. **As Regras da Arte**. Trad. Miguel S. Pereira. Lisboa: Presença, 1996.

- _____. **A Crítica Independente na França Prática**. Revista Continente. Ano 2. n. 14/2002.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos**. Cidades em Globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- DELEUZE, G. **Anti-Oedipe et Autres Réflexions**. (1980) <<http://www.univ-paris8.fr/deleuze/article.php3?id_article=68>>, acessado em 10/08/07.
- ECO, U. **Leitura do Texto Literário**: lector in fabula. Trad. Mário Brito. Lisboa: Presença, 1979.
- _____. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. Edmundo Cordeiro. Paris: Éditions Gallimard, 1971.
- HALL, S. “Quando foi o pós-colonial? Pensando no Limite” In: **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 101 – 128.
- HUYSSSEN, A. Literatura e Cultura no Contexto Global. In: **Valores**: arte, mercado, política. Reinaldo Marques e Lúcia Helena Vilela (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ISER, W. **O Ato da Leitura**. Vol. 1. Trad. Johannes K. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. **Implied Reader**. London: The Johns Hopkins University Press Ltd., 1974.
- JAMESON, F. **O Inconsciente Político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- JAUSS, H. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na Era da Informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LYOTARD, J. F. **The Postmodern Condition**: A Report on Knowledge. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- MIRANDA, F. “Quem conta um conto, aumenta um ponto”: Fanfic – uma recriação do texto literário. In: **I ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO**: desafios lingüísticos, literários e pedagógicos. Recife: Anais, 2005.
- ORTIZ, R. Cultura e Sociedade Global. In: **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento? Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. São Paulo: Pontes, 2002.
- RICHARD, N. **Saberes de Mercado e Crítica da Cultura**. Intervenções Críticas: arte, cultura, gênero e política. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002, p. 188 – 206.
- SANTIAGO, S. **O Cosmopolitismo do Pobre**. Crítica Literária e Crítica Cultural. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2004.
- XAVIER, A. **Hipertextos**: novo paradigma textual? Recife: Investigações – Lingüística e Literatura. vol. 12. UFPE, 2000.
- WALTER, R. **Literatura, Teoria Literária e as Diferenças Culturais**. Recife: Investigações – Lingüística e Literatura. vol. 10. UFPE, 1999.